



RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS: TESTE DAS QUATRO PALAVRAS E UMA FRASE

Jefferson Soares Galvão, jefferson.soares@aluno.uece.br;
Maria Ludmilla dos Santos Freitas,
maria.ludmilla@aluno.uece.br; Ana Luísa Nunes Diógenes,
luisa.diogenes@uece.br.

RESUMO

O contato das crianças com a escrita precede o processo de Alfabetização, portanto, fundamental verificar que concepções elas formulam. Apresenta-se como objetivo deste trabalho verificar que hipóteses sobre escrita formulam crianças submetidas ao “teste das quatro palavras e uma frase” no contexto da Alfabetização de crianças. Aporte teórico: Coutinho (2005), Ferreiro (2011); Ferreiro; Teberosky (2008) e Soares (2020). Percebe-se que identificar essas hipóteses é fundamental para a elaboração das práticas de ensino do professor, tendo em vista a progressão da criança na compreensão do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Palavras-chave: Alfabetização; Hipóteses de Escrita; Práticas Alfabetizadoras.

1. INTRODUÇÃO

Aprender a ler e a escrever, na sociedade moderna, torna-se cada vez mais um saber fundamental para que se possa usufruir de uma sociabilidade norteada pela garantia dos direitos do cidadão. Nesse sentido, o processo de alfabetização firma-se como um dos principais pilares da Educação, em todos os níveis de ensino, embora ocorra tradicionalmente durante a infância. Contudo, esse campo tem passado historicamente por mudanças conceituais e de abordagem, o que revela a necessidade de refletir sobre as transformações e influências marcantes nessa senda.

Dessa forma, destaca-se uma questão central nas discussões sobre alfabetização que é a divergência entre a compreensão da escrita como um sistema de códigos (ou seja, ler e escrever seriam codificar e decodificar) ou como um sistema notacional, que demonstra a necessidade de compreensão a respeito do funcionamento da língua escrita. A ela integra-se a dimensão do letramento, uma vez que, de acordo com Soares, é necessário “[...] aprender o sistema alfabético de escrita e, contemporaneamente, conhecer e aprender seus usos sociais: ler, interpretar e produzir textos. Não apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar [...]” (2020, p. 11-12).

Nesse contexto, é importante pensar em como as crianças compreendem a escrita, que concepções levantam e como isso se desenvolve até que estejam alfabetizadas.



Esse processo foi estudado por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, resultando em uma teoria sobre a psicogênese da língua escrita em crianças. É com base nessa produção que se realiza o intitulado “teste das quatro palavras e uma frase”, que possibilita analisar as elaborações mentais da criança sobre a escrita.

Portanto, apresenta-se como objetivo verificar que hipóteses sobre escrita formulam crianças submetidas ao “teste das quatro palavras e uma frase” no contexto da alfabetização. O trabalho realiza-se dentro da disciplina de Alfabetização de Crianças do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE) e justifica-se pela importância para as práticas de ensino que tomam como base essas hipóteses para a formação do professor alfabetizador.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inicialmente, é fundamental compreender que as crianças trazem consigo concepções sobre a escrita que se formulam por seus contatos com o mundo e os sujeitos letrados. Assim, é necessário ter em mente que “[...] Saber algo a respeito de certo objeto não quer dizer, necessariamente, saber algo socialmente aceito como ‘conhecimento’. ‘Saber’ quer dizer ter construído alguma concepção que explique certo conjunto de fenômenos ou de objetos da realidade [...]” (FERREIRO, 2011, p. 20, grifo do autor). Assim, as crianças sabem sobre escrita, formulam suas concepções, e isso é fundamental para alicerçar o processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Em seus estudos, Ferreiro e Teberosky (2008) apontam três elementos referentes a escritas de crianças a serem atentadas pelo professor: 1) não entender leitura como decifrado; 2) não identificar escrita como cópia de um modelo e 3) não considerar como avanços na lectoescrita as indicações citadas anteriormente. Elas delimitam quatro hipóteses observadas em escritas espontâneas infantis que, gradualmente, complexificam suas compreensões sobre a escrita. São elas: a hipótese pré-silábica, que tem como elemento marcante a distinção entre o desenhar e o escrever; a hipótese silábica, na qual se grafia uma letra para representar o som de uma sílaba; a hipótese silábica-alfabética, transição na qual se mescla a grafia de sílabas completas com letras representando sílabas (FERREIRO, 2011). Por fim, a hipótese alfabética é percebida quando a criança “[...] descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores [...]” (FERREIRO, 2011, p. 29).



Tendo em vista que as práticas de ensino do professor devem ser interativas, participativas, autênticas e produtivas (ELIAS; MATTOS, 2008, p. 09), Coutinho (2005, p. 67) sinaliza que apenas a compreensão e identificação dessas hipóteses não são suficientes. O docente deve, sistematicamente, desenvolver trabalhos que possibilitem aos alunos refletir sobre os princípios do SEA, indicando que o trabalho com composição e decomposição de palavras, além de suas análises fonológicas, são fundamentais.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um Relato de Experiência que se realiza com a proposição de um teste para duas crianças e a posterior análise dos resultados, subsidiado em pesquisa bibliográfica. O teste foi realizado com duas crianças: Weverton, de oito anos e cursando o Terceiro Ano, e Wesley, de três anos e matriculado no Infantil III, ambos da rede pública municipal. O local de aplicação do teste foi a residência da avó dos dois, Maria de Fátima. As crianças escreveram sentadas em cadeiras plásticas à mesa de jantar. Wesley teve dificuldades em ficar na altura adequada, então foi necessário colocar um travesseiro alto na cadeira para que ele alcançasse o nível da mesa. O ambiente era arejado e com boa iluminação. Os materiais utilizados foram: folhas brancas sem pauta, lápis de grafite preto e uma borracha. As palavras escolhidas para a realização do teste fazem parte do grupo semântico das ferramentas, quais sejam “parafuso, martelo, prego e pá”, sendo ditadas da maior para a menor e solicitando que escrevessem sem vê-las e da forma que sabiam. Em seguida, foi ditada a frase: “A pá é grande”.

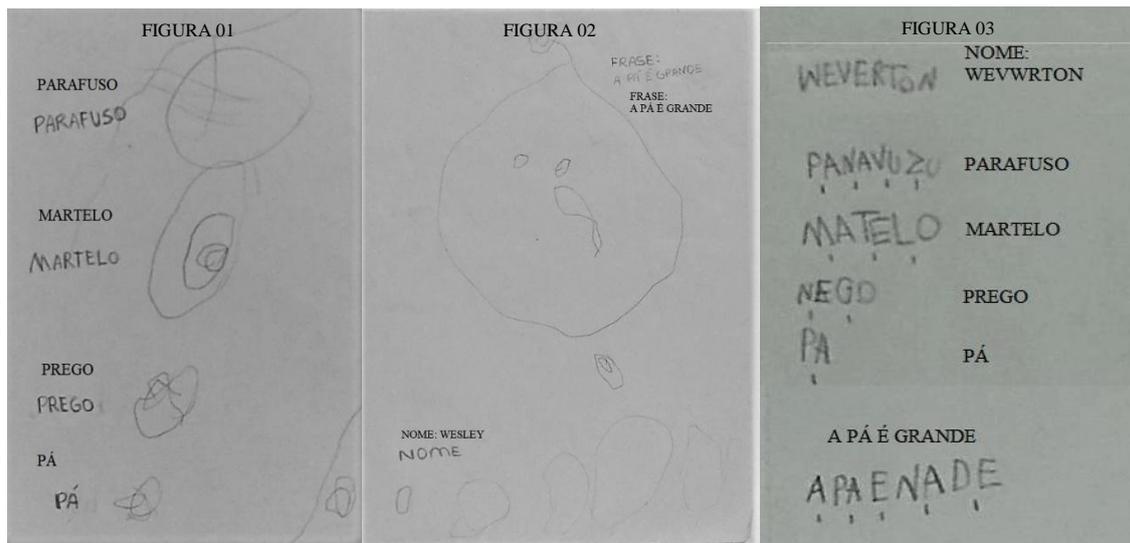
4. RESULTADOS

Os dois garotos são irmãos, os pais afirmaram que não realizavam práticas de leituras com seus filhos em casa, situação alterada em 2022, quando a escola disponibilizou livros infantis para que as crianças levassem para suas residências. Eles relataram que as atividades de escrita realizadas em casa se resumiam às brincadeiras de “escolinha” entre os irmãos, momento nos quais os dois pegam cadernos e fazem as “atividades de casa”. Os pais das crianças são alfabetizados, porém a mãe afirma que seu marido tem dificuldade em leitura e escrita, recorrendo a sua ajuda com frequência.

O contato inicial com o Weverton foi bastante satisfatório. Ele se comunicou com facilidade e sem inibição, realizou as solicitações prontamente, conversou com os dois



aplicadores e, ao final do teste, ainda utilizou o verso da folha para desenhar e fazer comentários sobre desenhos animados. Wesley, por outro lado, foi muito introvertido, o que é uma característica dele já informada anteriormente pela família. Não estabeleceu diálogo com um dos aplicadores e foi muito relutante em fazer o teste, mas com o incentivo da aplicadora ele o finalizou. Após essa apresentação contextual do ambiente de letramento das crianças e suas reações ao teste, serão analisadas suas produções, representadas pelas Figuras 01, 02 e 03.



Fonte: acervo pessoal, 2022

No caso do da Figura 01, percebe-se que Wesley ainda não faz uso de letras para realizar seus escritos. Ele escreve bolinhas para representar cada uma das palavras que lhe foi solicitado escrever. Contudo, percebe-se uma distinção entre desenhar e a escrita, pois Wesley modifica o tamanho da bolinha para cada palavra. Supõe-se, pela observação da produção, que ele pode fazer uma correspondência entre o tamanho do som da palavra e o da bolinha. Logo, “pá” é a menor das bolinhas, enquanto “parafuso” é a maior dentre as quatro. A bolinha que representa a frase “A pá é grande” é a maior de todas (Figura 02), preenchendo quase toda a folha, podendo indicar uma percepção de que uma frase é um elemento maior do que uma palavra, o que já demonstraria hipóteses sobre a escrita. Tendo em vista os elementos descritos, acredita-se que Wesley esteja em uma hipótese pré-silábica de escrita.

Já Weverton (Figura 03) faz uso de letras para representar sua escrita e representa cada sílaba da palavra que ouve. Na sua produção, percebe-se que ele já entende que o som da sílaba compõe unidades menores que precisam ser representadas na escrita,



apesar de ainda não conseguir fazer a representação de todos os sons, como dos encontros consonantais. Na realização da leitura das palavras, ele passou o dedo sobre cada sílaba, como indicam os tracinhos na imagem. Ocorrem algumas exceções, como a representação escrita do som da sílaba “pre”, em “prego”, pela sílaba “ne”, ou de “gra”, em “grande” por “na”, ou de “ra”, em “parafuso”, por “na”, que poderia ser um indicativo hipotético de que sílabas que contenham o som “r” seria representada graficamente por um “n”. Tendo em vista as considerações apresentadas, compreende-se que Weverton esteja na hipótese alfabética de escrita,

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, percebe-se que a análise das escritas espontâneas das crianças permite tirar conclusões a respeito de que hipóteses elas formulam sobre a escrita. Esse conhecimento é fundamental para o professor alfabetizador, uma vez que, ciente dessas construções hipotéticas, pode planejar suas práticas e metodologias de ensino visando a progressão das crianças até que tenham domínio e compreensão do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

6. REFERÊNCIAS

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, A. G. de; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 47-70.

ELIAS, J. de O.; MATTOS, J. C. Novos desafios para a prática. In: ELIAS, J. de O.; MATTOS, J. C. **Prática de ensino**: volume único. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008. cap. 01, p. 07-14. Disponível em: encurtador.com.br/iuDTX. Acesso: 07 jun. 22.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 13-42.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 273-298.

SOARES. M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020. p. 9-14.